

# O USO DO GRUPO FOCAL COMO INSTRUMENTAL PARA MELHORAR O CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFRR

Mariana Lima da Silva\*

Joani Silvana Capiberibe de Lyra\*\*

## RESUMO

Este artigo tem como finalidade apresentar ao leitor a técnica de grupo focal, bem como, sua metodologia de aplicação e os resultados obtidos nas experiências realizadas pelo Departamento de Ciências Sociais – UFRR. Serão elucidadas a metodologia de trabalho da técnica de grupo focal e sua contribuição para a identificação e soluções de problemas referentes, principalmente, ao curso de Ciências Sociais. Serão descritos o histórico de aplicação da técnica e os consequentes resultados alcançados por meio de sua utilização na avaliação do curso e também da UFRR. Por fim, serão feitas considerações superficiais sobre o desempenho da técnica no meio acadêmico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Grupo Focal. Ciências Sociais. UFRR. Avaliação.

Grupo focal é uma técnica de pesquisa cada vez mais utilizada, individualmente ou associada a outras técnicas. Assim como a observação participante e a entrevista, a técnica constitui-se em uma metodologia de pesquisa qualitativa, cuja finalidade se concentra em desvendar as percepções e sugestões sobre temas relacionados ou relevantes a um determinado grupo por meio de uma conversa que estimule todos a darem sua opinião. Sua aplicação é simples e dinâmica. Orienta que o grupo seja composto de no mínimo um facilitador e um relator, cujas funções principais são, respectivamente, obter os dados desejados de maneira a envolver todos os participantes e registrar por meio de anotações ou com o auxílio de gravadores de áudio ou vídeo as informações emitidas pelos participantes do grupo, lembrando que é imprescindível o resguardo e o sigilo da fonte para evitar qualquer constrangimento aos participantes.

Essa metodologia, segundo Cury (apud SANTOS E MOURA, 2000), vem se tornando bastante eficaz na obtenção de informações essenciais para a elaboração de medidas que promovam mudanças e melhorias para o público-alvo da pesquisa, a exemplo do que vem

---

\* Acadêmica do quinto período do curso de Ciências Sociais da UFRR e Bolsista do PIBIC.

\* \* Professora do Departamento de Ciências Sociais da UFRR

ocorrendo no curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Roraima - UFRR, mudanças na didática de professores, na estrutura e organização das aulas e melhorias no espaço físico da Universidade.

Tais explicações se fazem necessárias porque desde o ano de 2007 o Departamento de Ciências Sociais da UFRR vem utilizando-se desta para detectar os eventuais problemas no ensino-aprendizagem do curso, bem como, preparar estudantes para o trabalho com esse tipo de técnica. Tendo em vista esse intuito, os coordenadores do projeto, professores Joani Silvana Capiberibe de Lyra e Linoberg Barbosa de Almeida submeteram-no à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal de Roraima para registro inicial.

No que tange a essa experiência na UFRR, seu início ocorreu em 09 de agosto de 2007, após a realização de uma pesquisa quantitativa que não conseguia apontar de maneira clara os principais óbices do curso e nem as soluções que os estudantes consideravam cabíveis para melhorá-lo. Desde aquele primeiro momento, os facilitadores e relatores foram os dois professores envolvidos no projeto e quatro estudantes que estavam em processo de aprendizagem da técnica. O grupo foi composto de amostra de 20% dos estudantes dos anos de 2003, 2004, 2005, 2006 e 2007 que responderam questões sobre o conhecimento que tinham do Projeto Político Pedagógico-PPP do curso; suas percepções sobre a Biblioteca, bolsas existentes no curso e quadro de professores, ou seja, sobre o curso como um todo.

De maneira sucinta, averiguou-se em 2007 que a maioria dos alunos não conhecia o PPP, com exceção daqueles que fizeram Laboratório de Antropologia I no semestre 2007.1, os quais afirmaram que o professor da disciplina tentou atualizá-los. Não se constrói um projeto sem uma direção política, um norte, um rumo. Para esclarecer melhor nosso leitor sobre um PPP, em primeiro lugar temos que concordar com Gadotti (2000) ao dizer que todo projeto pedagógico da escola é também político e por ser também político ele é “por isso mesmo, sempre um processo inconcluso, uma etapa em direção a uma finalidade que permanece como horizonte da escola”. Para se ter clareza da importância de obter informações sobre o conhecimento do estudante sobre o PPP do Curso de Ciências Sociais recorremos novamente a Gadotti quando esclarece que:

(...) o projeto pedagógico da escola está hoje inserido num cenário marcado pela diversidade. Cada escola é resultado de um processo de desenvolvimento de suas próprias contradições. Não existem duas escolas iguais. Diante disso, desaparece aquela arrogante pretensão de saber de antemão quais serão os resultados do projeto. A arrogância do dono da verdade dá lugar à criatividade e ao diálogo. A pluralidade de projetos pedagógicos faz parte da história da educação da nossa época. (GADOTTI, 2000, p. 2)

Assim sendo, era inevitável consultar os estudantes, que como ficou evidente, tem que conhecer melhor o Projeto para contribuir de maneira efetiva com a melhoria do Curso e conseqüentemente com uma melhor formação profissional.

No segundo ponto de pauta os alunos deixaram claro que a Biblioteca estava bem melhor em relação aos anos anteriores, mas ainda faltava muito para ser a ideal. Isso porque é inevitável falar de biblioteca no curso de Ciências Sociais devido à demanda de leitura. Nesse caso, se há intuito de privar pela qualidade da formação, o estudante deve ter condições de acesso aos livros. Essa necessidade se estende para além das Ciências Sociais, pois, segundo Quinhões (1999) com o desenvolvimento atingindo tão rapidamente em todas as áreas do conhecimento humano se torna necessária uma “consciência crítica e reflexiva que atue eficientemente diante de uma sociedade conflitante e competitiva”. Com isso a biblioteca deve funcionar:

(...) como um centro real e estimulador, pois, seus serviços junto com as atividades de intermediação da leitura, poderiam tornar o currículo mais eficaz e orientado para um melhor desempenho individual e coletivo na formação do futuro cidadão. Um acervo bem selecionado e equilibrado, colocado à disposição de professores e alunos, enriqueceria e vivificaria o processo de ensino-aprendizagem, tornando o espaço “instigante”, atraindo o usuário para leitura e o livro, e a “dinâmica de ensinar e aprender” seria mais fecunda e atraente (QUINHÕES, 1999, p.178).

É importante notar que quando o assunto é biblioteca a demanda que surge remete-se a livros e periódicos, a exemplo do fato de que no ano de 2007 a biblioteca ainda não era informatizada, inclusive o serviço de empréstimo, mas em nenhum momento isso foi colocado como primordial para os estudantes de Ciências Sociais.

A questão seguinte remeteu-se às bolsas oferecidas pela Universidade, assunto ao qual os alunos disseram que não concordavam com o processo de seleção, chegando a dizer que existia uma “máfia das bolsas na UFRR” — “os mesmos alunos permanecem *ad infinitum* com bolsa – aposentadoria – e em alguns casos, com mais de uma bolsa”. Ressaltaram também que o ensino de pesquisa deveria ter início no primeiro semestre do Curso, afirmando que muitos deles só têm contato com esse universo no momento da elaboração da monografia, isto é, no final do Curso. Além disso, não são ofertadas possibilidades de trabalhar em pesquisa sem bolsa, e quando com bolsa, informaram que as inscrições não eram suficientemente divulgadas.

Os acadêmicos participantes do grupo focal apresentaram como solução para o

engajamento em pesquisas desde o primeiro semestre, os projetos de extensão, a exemplo do Conexões dos Saberes. Assim como, reconheceram que alguns professores do Departamento não têm como fazer pesquisa devido à sobrecarga em sala de aula.

Ademais, manifestaram-se contrários ao critério de exclusão daqueles que tiveram reprovação, pois muitas vezes, no início da vida acadêmica há um choque de realidade, porque o Curso de Ciências Sociais deixa os calouros hesitantes com muitos dos valores adquiridos no processo de socialização primária ou secundária, o que acaba ocasionando reprovações nas disciplinas iniciais.

Na pauta sobre os professores do curso não houve discordância quanto à qualificação do quadro, mas teve muita polêmica quanto à didática e metodologia de ensino de alguns professores. Sugeriram um curso de aperfeiçoamento em didática ministrada a esse pelos colegas que mais se destacam em sala de aula na relação ensino-aprendizagem. Porém, nem sempre é possível a um professor dar ao outro o caminho a ser seguido, até porque o que serve para um educador e uma turma, não serve necessariamente para um outro. O que deve haver é empenho desse profissional para que consiga ministrar sua aula apesar das diferenças. Nesse sentido é interessante a metáfora da maçã.

A metáfora da maçã, comparando alimentação ao conhecimento, fornece indícios bastante ricos para uma atuação concreta por parte do professor. Realmente, para cada aluno que o professor ofertar o seu conhecimento/maçã, a forma de mastigar e engolir será diferente, única. Isso quer dizer que se incentiva/valoriza o trabalho com as diferenças; com a heterogeneidade e não com um abstrato ideal de homogeneidade.

Para um aluno, a maçã dará dor de barriga, para outros, provocará alguns quilos a mais, para alguns, a quantidade de maçã será pouca e para outros, suficiente. Há os que vão considerar a quantidade excessiva, não conseguindo engolir/absorver tudo. Sem falar da assimilação dos componentes alimentares, que não se dá instantaneamente, além de depender do metabolismo de cada organismo. E é esta consciência por parte do docente; sua forma de interagir com as diferentes circunstâncias, que demonstra a sua concepção teórica; os fundamentos da sua prática educativa (DI SANTO, 2008, p. 4)

Ainda sobre a relação ensino-aprendizagem, os discentes questionaram os critérios para liberar os professores para qualificação. Ressaltaram que esse procedimento é importante, mas que não deve atrapalhar o desenvolvimento do Curso e, sobretudo, das disciplinas que já foram iniciadas.

Sobre o curso de Ciências Sociais como um todo, avaliaram que o mesmo melhorou bastante com a chegada de novos professores, o que os deixa otimistas com o futuro. Todavia, evidenciaram problemas que não são diretamente de ensino-aprendizagem, mas que podem afetá-lo caso não haja uma ação para resolvê-lo, como era o caso, naquele momento,

da infra-estrutura do Bloco I da UFRR (Centro de Ciências Humanas) que tinha lâmpadas queimadas, ar condicionado sem funcionar ou com cheiro de queimado, fechaduras soltas, luzes de banheiros sempre apagadas, falta de água e de papel higiênico etc. Ainda assim, eles concluíram que os problemas mais graves eram externos ao Bloco I: falta de iluminação no Campus do Paricarana, falta de calçadas (que deixava todos suscetíveis a acidentes) e no período das chuvas alagamento das vias de acesso aos blocos.

Após essas colocações houve a preocupação do Chefe de Departamento, Professor Linoberg Barbosa, em provocar as melhorias que estavam ao seu alcance, bem como, dar continuidade aos grupos focais para identificar as novas necessidades e prioridades dos alunos.

Na mesma perspectiva de aprimorar cada vez mais o Curso, foi realizada nova pesquisa com a técnica do grupo focal no dia 10 de junho de 2008, após estudos teóricos por parte de estudantes que continuavam sendo preparados para assumir a condição de facilitadores de grupo focal. Esse treinamento foi oportuno porque permitirá que a coordenação dos próximos grupos seja realizada por estudantes, permitindo aos informantes se sentirem cada vez mais confortáveis para explanarem os problemas enfrentados, sem ficarem, de alguma forma, constrangidos com presença de professor, haja vista que, até aquele momento era acompanhada por um professor, porque os acadêmicos ainda se encontravam em processo de aprendizagem da técnica.

O novo momento de pesquisa contou com uma amostra de discentes com ingresso nos anos de 2004, 2005, 2006, 2007 e 2008. As atividades foram iniciadas com uma dinâmica que tinha como objetivo descontrair os acadêmicos para que os trabalhos do grupo começassem sem inibições que acarretassem prejuízos ao desenvolvimento da conversa. Uma vez que se trata de uma amostra aleatória, havia sido colocado nos murais um aviso convocando os estudantes sorteados, fato este que, a princípio, os levou a entrar bastante hesitantes no recinto onde ocorreu a pesquisa. Mas após ocorrer a dinâmica de grupo, todos se mostraram extrovertidos e dispostos a contribuir com a melhoria do Curso.

Como pontos relevantes do encontro podem ser citados: a sensação de ocorrência de preconceito em relação aos alunos indígenas ingressantes em 2008, havendo inclusive, a sugestão de que os professores de Antropologia esclarecessem à turma as questões referentes à Terra Indígena Raposa Serra do Sol<sup>1</sup>, haja vista que, o discurso que prevalece entre os

---

1 Há um contexto para ocorrer esse possível preconceito, pois há três décadas indígenas e arroteiros vivem em estado de tensão no norte do estado de Roraima, na região Raposa/Serra do Sol. Não obstante, essa tensão se intensificou ainda mais porque a área foi homologada como reserva indígena em 2005 e os ruralistas

colegas é o do senso comum. Além do que se apontou como solução — “falar menos da questão indígena em sala de aula”.

Temos a dizer, ademais, que essa sensação não é exclusiva dos nossos estudantes, pois como bem coloca Assis (2006), essa é uma realidade das universidades com ingresso diferenciado, cuja diferença sociocultural acaba não sendo tolerada, haja vista que o “sistema acadêmico está pautado numa idéia de formação homogênea, elitista e mono cultural”. Assim sendo, os índios sofrem discriminação e preconceito, pois há um olhar constante sobre eles “dizendo-lhe que ali não é o seu lugar”. E sua condição de indígena pode ser reavaliada de acordo com a assimilação ou não do comportamento acadêmico, como é possível ver a seguir:

O preconceito mais freqüente advém da idéia de que ele é “naturalmente” incapaz de compreender a linguagem acadêmica. Entretanto, se demonstram capacidade, deixam de ser índios. Tanto uma quanto outra são formas tácitas de negar a diferença. Percebe-se um constrangimento decorrente de um distanciamento entre uma política de inclusão e as condições reais do meio universitário. Há um evidente despreparo dos recursos humanos para lidar, reconhecer e respeitar as diferenças socioculturais, especialmente uma ausência de qualificação para interagir com estudantes indígenas. (ASSIS, 2006, p. 5).

Foi ressaltado que além dessa dificuldade, havia uma outra que os indígenas enfrentam a qual se refere aos parco recurso financeiro para deslocamento até Boa Vista/RR, bem como, para custear as despesas com material de estudo.

Por outro lado, há alunos que reclamam que é dada muita ênfase a questão indígena no curso de Antropologia, quando poderiam ter um conhecimento mais diversificado, pois nem todos querem trabalhar com essa temática. De toda a sorte, diante de tais fatos, o Professor Linoberg de Almeida procurou averiguar a natureza e as razões dos relatos.

Outro fator observado pelos estudantes referiu-se ao reduzido acervo de livros de Ciências Sociais na Biblioteca da UFRR, principalmente porque as duas habilitações existentes (Sociologia e Antropologia) demandam uma carga excessiva de leitura, conforme já havia sido ressaltado na pesquisa anterior. Apesar dessa consciência, consideram que os professores devem ter cuidado com o excesso de textos que cobram, sobretudo, quando não os

---

não querem sair da área. Desse modo, no final de março de 2008 a Polícia Federal enviou 45 homens para completar o efetivo de 500 policiais com o objetivo de tirar os não-índios da reserva. Isso desencadeou a operação Upatakon 3. O grupo de rizicultores tentou impedir a entrada da polícia ao local usando uma retroescavadeira com a qual fizeram uma cratera na ponte sobre o Rio Surumu. Para se ter idéia do confronto, uma outra ponte que dava acesso à vila, sobre o Rio Araçá, já havia sido incendiada, haviam sido retiradas balsas do rio Uraricuera e, também, colocados tambores na pista de pouso.

Na vila de Surumu, na região de Pacaraima, fronteira com a Venezuela, parte da terra indígena, encontram-se cerca de 300 famílias, a maioria não-índia, e oito fazendas.

trabalham em sala de aula.

Novamente, foram demonstradas insatisfações com alguns professores, sendo as principais reclamações sobre a didática e dinâmica das aulas. Outrossim, foi mencionado que existem dois grupos políticos dentro do Curso, sendo o aluno obrigado a participar de um deles para ter acesso à pesquisa, bolsas, etc. Na mesma ocasião, alguns alunos expressaram a vontade de fazer parte das pesquisas pela competência e não por privilégios. De qualquer forma, gostariam de ter oportunidade de participar mais de pesquisas e ir a campo.

Os professores foram provocados a refletir sobre a postura autoritária em sala de aula, mormente quando são considerados bons professores por parte dos discentes, porque isso dificulta a aprendizagem e porque a universidade é um espaço para produção do conhecimento.

Destacamos o fato dos estudantes ainda escolherem o Curso, sem realmente terem informações suficientes do mesmo: —“Escolhi o curso lendo o Manual do Candidato”. Muitos o escolheram achando que iriam dar aula. Inclusive os estudantes do primeiro semestre colocaram que alguns desistiram imediatamente ao saberem que o curso “não preparava para dar aula”, e outros sinalizaram que vão fazê-lo caso não haja perspectiva de cursarem licenciatura em Sociologia. —“Muitos vieram com a intenção de ir para a sala de aula, quando viram o bacharelado se assustaram”. É preciso buscar soluções. Em que estamos falhando? Alguns poucos estudantes buscam o curso sem a preocupação com o mercado de trabalho, ao contrário da maioria de seus colegas que afirma: —“É necessário pensar no mercado de trabalho”.

Os acadêmicos de anos mais adiantados ressaltaram que o curso melhorou muito e que hoje vários professores já seguem o plano de ensino, além de que reconhecem que a questão do aprendizado não é responsabilidade apenas dos professores, pois, enquanto parte do processo ensino-aprendizagem também são co-autores de uma formação profissional de qualidade.

É possível afirmar que o grupo focal permitiu identificar e abordar questões que não faziam parte do roteiro de perguntas, como por exemplo; aquelas relacionadas a preconceito, carência de pesquisa, a percepção da existência de dois grupos políticos, entre outras questões que provocaram reflexões entre os discentes e docentes, além de tornar visíveis as necessidades de providências referentes a determinados assuntos com o propósito de reparar problemas e evitar maiores dificuldades para o andamento do Curso.

Analogamente, possibilitou observar que no período entre os dois grupos focais (entre os anos de 2007 e 2008), algumas dificuldades ainda persistiam tanto no âmbito do Curso,

quanto da UFRR como um todo, tais como, uma maior preocupação com ensino do que com pesquisa e extensão; deficiência na didática de alguns professores; problemas de infraestrutura, entre outros. No entanto, vale a pena ressaltar que nos dois grupos, ficou claro, por meio do relato de estudantes mais antigos, que ocorreram melhorias consideráveis da estrutura organizacional e física do Curso e da Universidade, assim como do quadro e da didática de professores.

Portanto, os resultados apresentados neste trabalho contribuíram, sem dúvidas, para evidenciar a qualidade e eficiência da técnica de grupo focal, prática que certamente terá continuidade no curso de Ciências Sociais e com perspectiva de ampliar o escopo de utilização para outros cursos e profissionais da academia e da comunidade em geral, uma vez que viabiliza identificação de problemas e possíveis melhorias a partir da participação do próprio público interessado. Todo o exposto permite indicar a técnica de grupo focal como um instrumental de pesquisa eficaz e que pode contribuir em cenários diversos ou semelhantes ao desse estudo, e, em atividades voltadas para outros temas e abordagens a critério ou necessidade do pesquisador.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Valéria Soares de. **Avaliação de alunos indígenas na Universidade Estadual de Maringá: um ensino adequado à diversidade sociocultural.** Revista Estudos em Avaliação Educacional. São Paulo, V. 17, N. 33, jan./abr 2006.

CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica.** Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999.

DI SANTO, Joana Maria R. **Metáfora da maçã e o conhecimento: A metáfora da maçã alimento/conhecimento e a avaliação da aprendizagem.** Disponível em: <http://www.centrorefeducacional.pro.br/metaprdz.htm>. Acesso em 24 de set. de 2008.

GADOTTI, Moacir. **O Projeto Político Pedagógico da Escola na perspectiva de uma educação para a cidadania.** 2000. Disponível em: [http://vicenterisi.googlepages.com/Projeto\\_Politico\\_Ped\\_Gadotti.pdf](http://vicenterisi.googlepages.com/Projeto_Politico_Ped_Gadotti.pdf). Acesso em 16 de out. de 2008.

QUINHÕES, Maura Esandola Tavares. **Biblioteca escolar: sua importância e seu espaço no sistema educacional do Estado do Rio de Janeiro.** In: VIANNA, Márcia Milton; **RAPOSA Serra do Sol: STF suspende operação para retirada de não-índios e nega liminar da AGU. 09/04/2008.** Disponível em: <http://www.amazonia.org.br/noticias/noticia.cfm?id=266260>. Acesso em 16/10/2008.

SANTOS, Klaus Souza & MOURA, Dácio Guimarães. Um estudo de caso aplicando a técnica de grupo focal para análise e melhoria de serviço público de emergência odontológica na região metropolitana de Belo Horizonte. In: **Educação tecnológica.** Belo Horizonte, V. 5, nº 2, 2000.